

Bloco de Notas

Egipto mais anti-americano

A guerra no Iraque está a provocar o tão esperado movimento de democratização no Médio Oriente? O International Crisis Group (ICG) tentou responder a esta pergunta no que diz respeito ao Egipto e chegou a algumas conclusões: há uma maior oposição às políticas norte-americanas entre os egípcios; o regime enfrenta novos desafios e, sobretudo, começam a surgir críticas mais directas às decisões e declarações do Presidente Mubarak, que é acusado, nomeadamente, de fazer o que Washington quer. É interessante verificar que a antiga divisão da política egípcia entre os islamistas e os seus adversários parece estar a ser substituída por uma divisão entre a ala mais pró-americana da elite e os críticos do alinhamento do Cairo com Washington. Segundo o ICG, os islamistas mostraram-se dispostos a colocar de lado questões mais controversas do seu projecto para a sociedade para se aliarem com a oposição secular em torno de dois temas: a democracia e a soberania (entendida como afastamento dos EUA). Por outro lado, o relatório sublinha que não há sinais de qualquer ameaça à estabilidade política no Egipto, nem de um ressurgimento do extremismo islâmico violento. 

Vale a pena fechar os olhos à Tchetchénia?

A guerra ao terrorismo (o assunto é difícil de evitar) tem transformado a forma como a Administração norte-americana se relaciona com os seus aliados. Nos últimos três anos, os acordos multilaterais foram sendo desmantelados e substituídos por uma série de relações bilaterais. “Todos os países têm agora que negociar com os EUA”, escrevem Clifford G. Gaddy e Fiona Hill, num texto disponível no site da Brookings Institution. O artigo critica sobretudo a relação bilateral que George W. Bush estabeleceu com o seu homólogo russo, Vladimir Putin. Os autores defendem que esta relação nem sequer é particularmente vantajosa para Washington porque “o interesse americano na economia russa é negligenciável”. “E politicamente [...] a Rússia não pode dar aos EUA aquilo que estes mais querem neste momento: dinheiro e muitas tropas para o Iraque”. Para Gaddy e Hill, “a coisa mais importante que a Rússia pode fazer é ‘não ser a França’”.



The Brookings Institution

Independent research shaping the future



Por isso, os autores criticam que, apesar de tudo isto, Bush feche os olhos à guerra russa na Tchetchénia. Esta política “leva à criação de Estados clientes dos EUA que se sentem livres para ignorar os seus desafios mais críticos”. 

As tropas (insuficientes) dos EUA



Os EUA têm forças armadas suficientes para a guerra contra a al-Qaida, um conflito imprevisível na sua duração e na quantidade de teatros de operações em que se desenrolará? O instituto de análise política Statfor

considera que a Administração Bush “escolheu um caminho radical: manter uma estreita margem de erro em relação à estrutura das suas forças militares, com base em planos que não têm em conta o facto de que a al-Qaida também vota”. A estratégia da organização de Osama bin Laden tem sido a de diversificar os teatros de operações, com o objectivo de obrigar as forças americanas a dispersarem o mais possível e a avançarem o mais profundamente no mundo islâmico para provocar uma revolta não só contra os EUA, mas também contra os governos aliados com os americanos. Desde 11 de Setembro de 2001 que os EUA entraram numa nova guerra e desde essa data que não aumentam a dimensão das suas forças armadas de forma significativa. O Statfor avisa que estas estão actualmente “no limite” e defende a necessidade de as aumentar urgentemente – até porque nunca se sabe que novos teatros de operações vai o inimigo abrir. 

Alexandra Prado Coelho

Doentes com HIV/sida discriminados na China

A discriminação generalizada dos doentes infectados com o HIV/sida na China está a contribuir em muito para o alastramento da epidemia naquele país, denuncia a Human Rights Watch num relatório de Setembro. A organização de defesa dos direitos humanos afirma que muitos chineses com HIV/sida não têm acesso a cuidados de saúde porque os hospitais se recusam a tratá-los. Num dos hospitais visitados por membros da HRW, a porta do serviço destinado aos doentes com sida estava fechada com um cadeado. “A discriminação está a forçar muitas pessoas a viver à margem da sociedade, e o Governo chinês tolera esta situação em vez de a combater”, acusa Brian Adams, responsável da divisão Ásia da HRW. Entre as várias denúncias feitas no relatório, intitulado “Portas trancadas: os direitos humanos de pessoas com HIV/sida na China”, afirma-se que os toxicodependentes são enviados para centros de desintoxicação onde são obrigados a trabalhar sem salário fazendo objectos para vender aos turistas e sem receberem tratamento adequado para o seu problema. 

